

A “sombra” e a constituição do Eu em Piera Aulagnier

The “shadow” and the constitution of the Ego in Piera Aulagnier

Thiago Márcio Silva e Fariaⁱ

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais,
Belo Horizonte – MG, Brasil.



Resumo

O conceito de *sombra* formulado pela psicanalista Piera Aulagnier é fundamental para a compreensão do espaço que abrange o psiquismo materno e o psiquismo da criança em desenvolvimento. A ação do objeto primário na constituição do psiquismo é abordada pela autora ressaltando a importância do discurso materno. Este em relação à criança configura o conjunto de enunciados chamado *sombra*. O presente artigo tem como objetivo tecer considerações sobre a importância das projeções maternas e seu impacto na constituição do Eu, elucidando o conceito de *sombra* e outros conceitos atrelados a ele, com base no texto “*O espaço no qual o Eu pode constituir-se*” (1979) de Piera Aulagnier.

Palavras-chave: Sombra, Eu, Piera Aulagnier, violência primária.

Abstract

The concept of *shadow* formulated by the psychoanalyst Piera Aulagnier is basic for the understanding of the space that circumscribes the maternal psychism and the psychism of the child in development. The action of the primary object in the constitution of the psychism is approached by the author standing out the importance of the maternal speech, which in relation to the child configures the set of statements called *shadow*. The present article has as its aim to weave considerations on the importance of the maternal projections and its impact in the constitution of the Ego, elucidating the notion of *shadow* and other concepts related it, having as main reference the text “*O espaço no qual o Eu pode constituir-se*” (1979) of Piera Aulagnier.

Key-words: Shadow, Ego, Piera Aulagnier, primary violence.

Do ponto de vista psicanalítico podemos considerar a relação da criança com o objeto primário como decisiva para a constituição do sujeito. Uma forma de abordar essa relação é aquela que ressalta a importância do discurso materno na constituição do Eu da criança. Nesse sentido, as projeções da mãe e a trama do seu desejo em relação à criança irão determinar o curso da constituição do psiquismo desta. A fala da mãe e a *violência*¹ com que ela irá antecipar o discurso do filho irão compor o ambiente familiar responsável por abrigar o desenvolvimento dele.

A criança nasce num “espaço falante”, amparada num “micro-meio” estruturado pela família, que antecede o sujeito. Aulagnier descreverá os parâmetros próprios a este “micro-meio”, as forças envolvidas nas interações pessoais e, mais particularmente, a ação exercida pelo discurso e pelo desejo do casal parental sobre a psique do *infans* - criança. A autora analisa os parâmetros desse meio que darão condições para estruturação neurótica ou psicótica.

O presente artigo tem como objetivo fazer algumas considerações sobre os conceitos empregados por Piera Aulagnier em sua formulação a respeito do espaço no qual o Eu poderá constituir-se, ressaltando o conceito de *sombra*. Optou-se pelo estudo de tal conceito, em relação à constituição do Eu e sua relevância, a partir diretamente dos escritos da autora em seu texto: “O espaço no qual o Eu pode constituir-se” presente em seu livro “A violência da interpretação” de 1979².

¹ Trata-se da violência primária, nesse caso. Ato que constitui o Eu, o insere no mundo representável simbolicamente e em uma comunidade lingüística. É violento porque antecipa o surgimento de qualquer representação do afeto infantil e carrega consigo a repressão.

² Desta forma, não foi empreendida uma completa revisão de literatura com intuito de verificar se há publicações que abordam especificamente este conceito e suas implicações para a psicanálise. Entretanto, podemos ressaltar o crescente estudo sobre a obra de Piera Aulagnier e destacar o nome de dois de seus estudiosos: o argentino Luis Hornstain e a brasileira Maria Lúcia

A mãe como “porta-voz”

Piera Aulagnier, em seu texto, utiliza na maioria das vezes o termo *infans*, para designar a criança. Tal palavra latina que dá origem a palavra em português, *infância*, já esboça o papel que o discurso da mãe terá na constituição do eu da criança e garante a coerência das formulações sobre as consequências desse ato materno em relação ao filho. *Infans* significa: aquele incapaz de falar - criança (Houaiss, 2001).

A voz da mãe é responsável por incluir o *infans* num discurso portador de significação, modelado por uma carga libidinal e pela censura. É a mãe, neste momento, o representante de uma ordem exterior, cujo discurso anuncia ao *infans* suas leis e exigências, tal intervenção é fundamental para a vida da criança em desenvolvimento: “As necessidades da psique exigem uma resposta, sem a qual o *infans* pode perfeitamente, apesar de seu estado prematuro, decidir recusar a vida. Não há prematuro no principio do funcionamento do originário³ ou do primário” (Aulagnier, 1979, p. 106).

Entretanto, para que se instaure em relação ao sujeito a heterogeneidade do mundo e o interesse pela vida, é necessária a presença de um material modelado pelo processo secundário, que age em outro espaço. Para que os objetos

Vieira Violante. Esta última é autora do livro “Piera Aulagnier: Uma Contribuição Contemporânea à Obra de Freud” (2001), fundamental como introdução à obra de Aulagnier. Violante também é coordenadora do grupo de pesquisa “Laboratório de Estudos e Pesquisas Piera Aulagnier” da PUC-SP.

³ “Aulagnier considera que, antes do processo primário de que fala Freud entrar em cena, é um modo ainda mais arcaico de funcionamento psíquico que representará, ou seja, registrará na psique, o encontro inaugural boca-seio, por meio de um pictograma ou representação pictográfica” (Violante, 2001, p. 23). O processo originário trata-se do registro de excitações sensoriais, que será inscrito no psiquismo na forma de uma imagem da coisa corporal - pictograma, da zona excitada ligada ao seu objeto complementar. Tal inscrição psíquica é sensorial, fonte de prazer ou desprazer (que tem a imagem boca-seio como protótipo) e é anterior à “representação de coisa” do processo primário (Idem).

exercem seu poder de representabilidade e de figurabilidade, é necessário que eles tenham sido metabolizados pela mãe, que eles sejam dotados de um índice libidinal. Trata-se do auxílio que o Eu da mãe, que já passou pelo recalque, pode oferecer a criança. Um protótipo que servirá ao princípio de realidade no futuro.

O mundo precisa ser sinalizado pela mãe, esta enquanto “porta-voz” irá inserir no jogo afetivo⁴, presente na relação mãe-filho, seu discurso com efeito repressor: “Numa primeira fase da vida, é a voz materna que permite a comunicação entre os dois espaços psíquicos em questão” (Aulagnier, 1979, p. 106). A marca que a mãe imprime ao objeto é um precedente necessário às metabolizações do Eu da criança, respondendo às exigências do originário e do primário, com vistas a tornar o objeto “representado” e “figurado”, ainda que seja ignorado ou apagado o efeito dessa modelação. Concordando com Lacan, Aulagnier dirá que o “objeto só é metabolizado pela atividade psíquica do *infans* se e na medida em que o discurso da mãe dotou-o de um sentido testemunhado por sua nomeação” (Aulagnier, 1979, p. 107). É a palavra, um significante carregado de libido materna, que a criança ingere.

O Eu da mãe funciona, então, como “prótese” para a criança, para que ela possa superar a ausência de sentido do real:

⁴ A complexidade do texto de Piera Aulagnier se dá principalmente pela consideração de dois espaços psíquicos ao mesmo tempo. A dinâmica dessas posições parece buscar a manutenção de um espaço comum aos dois aparelhos psíquicos em questão. Ela privilegia claramente o peso que o discurso materno tem na constituição da criança, porém recorre incessantemente à reação da criança nesse embate. Além disso, a explanação sobre a transmissão da fala da mãe ganha, ao longo do texto, caráter atemporal e mantém-se tangenciando a experiência humana, considerando todos os estágios do desenvolvimento vividos. Essa aparente confusão confere, ao contrário, riqueza ao texto que não perde de foco a constituição do Eu como fio condutor, não obstante a ênfase no discurso.

A função de prótese da psique materna permite à psique encontrar uma realidade já modelada pela atividade psíquica materna e tornada, graças a ela, representável: o real sem sentido, inacessível à psique, é substituído por uma realidade humana, porque investida de libido materna, realidade à qual só é remodelável pelo originário e pelo primário, graças a este trabalho prévio (Aulagnier, 1979, p. 108).

A “sombra” falada

O discurso da mãe que antecipa qualquer entendimento exerce uma violência. Essa é definida como *violência primária*, a qual é necessária para que o sujeito seja inserido na ordem humana (Aulagnier, 1979). O discurso da mãe é violento porque antecipa o surgimento de qualquer representação do afeto infantil e carrega consigo a repressão. A mãe se antecipa ao interpretar os afetos da criança, ela projeta sobre a criança, através de seu discurso, seu desejo e a interdição que precedem o nascimento do *infans*. Esse discurso antecipador forma o que Aulagnier define como *sombra falada*.

Entretanto, diante do *infans*, a mãe espera uma confirmação do que ela formulou previamente. A *sombra falada* s₃ dirige, então, a uma *sombra falante*, a despeito do inominável dos afetos infantis, ao mesmo tempo em que alimenta, acaricia e conforta a criança. Assim, a *sombra falada* que é projetada pelo discurso da mãe sobre o corpo da criança assume a característica de *sombra falante*, configurando uma comunicação da mãe para com ela mesma, a duas vozes (Aulagnier, 1979).

A violência primária se mostra constitutiva do Eu. Ela é violenta e necessária. Temos de um lado o desamparo da criança e sua condição estrita de necessitada, e de outro a mãe com sua interpretação precoce das emoções infantis não simbolizáveis. A mãe oferece antecipadamente uma satisfação, antes que exista propriamente uma

demanda. O objetivo da violência se mostra então no intuito da mãe de transformar o seu desejo no objeto que satisfará a necessidade da criança que sofre a violência (Aulagnier, 1979). Dessa forma o caráter de violência desse ato não é percebido como tal pelos dois sujeitos envolvidos.

A mãe, agente da sombra é entendida por Aulagnier como um sujeito portador das seguintes características:

- a repressão bem realizada de sua sexualidade infantil;
- um sentimento de amor dedicado à criança;
- seu acordo com o essencial do que o discurso cultural do seu meio diz sobre a função materna;
- a presença, a seu lado, de um pai da criança, a quem ela dedica seus sentimentos (Aulagnier, 1979, p. 110)⁵.

A *sombra falada*, o veículo da *violência da antecipação* transmite o recalcado que corresponde às necessidades do Eu. Conforme o conceito de *sombra*:

⁵ A presença do pai e seu papel, embora não seja o foco do presente trabalho, desperta atenção dentro da explanação sobre a mãe enquanto agente da sombra e a violência implicada em sua ação.

Para a psicanálise o pai configura-se como o primeiro *estranho*, o outro além da mãe. Esse outro exerce um papel fundamental na delimitação do psiquismo infantil e sua diferenciação em relação à mãe, ao passo que se institui a *alteridade*, e, além disso, a instauração da linguagem. Tal dinâmica está presente principalmente na leitura lacaniana do Édipo.

A mãe ao interpretar os afetos infantis antecipadamente dota-os de nomeações: a criança chora e a mãe se dedica prontamente a definir o que o filho sente, diz-lhe que ele está com fome, outra feita, diz-lhe que ele está sentindo mal ou triste e assim busca definir a criança. Entretanto, o pai tem o papel de dizer à mãe que a criança não é tudo o que ela lhe diz, para que a criança não venha a se adequar estritamente ao que a mãe diz e possa constituir-se como sujeito (Lebrun, 2004).

Lebrun (2004) ilustra a complexidade da relação: mãe, pai e filho com a problemática da anorexia. O autor afirma que o pai deve ter papel ativo quando a mãe obriga a criança a comer, o que se não for feito pode resultar na recusa do comer por parte da criança no futuro. Em suma, o pai tem papel de balancear o alcance dos significantes maternos. A incerteza decorrente oferece à criança a oportunidade para se sustentar subjetivamente.

O que chamamos sombra é, portanto, constituído de uma série de enunciados que testemunham o desejo materno referente à criança; eles constituem uma imagem identificatória que antecipa o que será enunciado pela voz deste corpo, ainda ausente. Esta sombra, fragmento do seu próprio discurso, representa para o Eu materno o que o corpo da criança, numa outra cena, representa para seu desejo inconsciente. Ela é, portanto, aquilo que, do objeto impossível e interditado deste desejo, pode transformar-se em dizível e lícito (Aulagnier, 1979, p. 113).

A sombra está, então, a serviço da repressão, ela serve para que a cena do real atual não remeta a mãe à cena proibida do passado. O desejo inconsciente da mãe, suscitado pelo corpo da criança, é transformado pela sombra em carinho e cuidado aceitáveis e em sentimento dizível. A sombra preserva a mãe de um desejo já reprimido: o de ter um filho da mãe, a partir do *originário*, e o de ter um filho do pai, a partir do *primário*. Isso distingue a criança real de uma criança genérica que serviria como representante da criança que a mãe quis ter no passado. Nesse contexto, a sombra em relação à singularidade da criança substitui o objeto interditado.

O que está em jogo, a partir dessas formulações, é o *desejo de ter um filho*. Esse desejo engendra o relacionamento amoroso entre mãe e filho, assim como entre homem e mulher.

Aulagnier diz que é o fato do discurso ser dirigido à sombra o que permite a mãe ignorar o componente sexual inerente ao seu amor pela criança; portanto é este discurso que cumpre o papel de não permitir o que foi reprimido regressar. A mãe ao banhar, pôr para dormir, amamentar, o faz em nome de uma funcionalidade, uma necessidade que é acrescentada a tudo que, através do contato corporal, participa de um prazer cuja causa deve ser ignorada: “É o discurso da e para a sombra que permite à mãe ignorar o componente sexual

inerente ao seu amor pela criança” (Aulagnier, 1979, p. 112).

Entretanto há falhas neste controle, o que permite que o acariciar possa ser “a mais” e o corpo, inclusive o sexo, possam ser tocados com prazer: “Entretanto, tudo que, no discurso materno, fala a linguagem da libido e do amor é dedicado à sombra” (Aulagnier, 1979, p. 113). A mãe recompensa e pune considerando o que ela supõe emergir do corpo da criança. Além disso, ela atribui à sombra um desejo que ela desconhece, que se apresenta relativo a seu futuro e que serve de justificativa para um projeto educativo, quando a mãe afirma realizar tudo o que é para o bem do próprio filho. Se em Melanie Klein a criança se relaciona com uma mãe que é revestida pelas fantasias infantis, aqui a mãe dirige-se a uma imagem identificatória criada por ela, a sombra.

O discurso da mãe garante a ela a não interdição de seus investimentos em relação à criança:

[...] a criança é, na cena do real, testemunha da vitória do Eu sobre o reprimido, mas também – e aí se encontra o paradoxo da situação – é quem se mantém o mais próximo do objeto de um desejo inconsciente, cujo retorno faria da criança o objeto de uma apropriação interdita ao Eu (Aulagnier, 1979:113).

Nesse ponto, é possível levantar uma questão sobre a possibilidade de falta de investimento afetivo da mãe em relação à criança caso essa mãe não tenha tido bem realizada a repressão de sua sexualidade infantil, característica que, como mencionado anteriormente, é fundamental para a mãe, agente da sombra.

Violência “lícita” e “ilícita”

O discurso da sombra serve também ao desejo materno, o desejo da

mãe em relação ao *infans*. Que este se torne bem sucedido, representa aquilo que a mãe teve que renunciar, que ela esqueceu ter desejado. Esses sonhos recuperam uma posição narcísica e são sonhos lícitos, funcionais na realidade. Por conseguinte, a criança é um objeto ambíguo, que se manifesta na cena do real como depositário de um investimento privilegiado, com uma distância mínima do desejo inconsciente, mas também possui uma força repressora máxima em relação a este mesmo objeto. A criança torna-se um apoio às defesas da mãe, o desejo da mãe em relação à criança opõe-se ao desejo inconsciente, impedindo que este possa emergir, trata-se de uma relação identificatória e libidinal à criança, que pode ser expressa no discurso da e para a sombra.

A violência do discurso materno que tem um efeito pré-formativo e indutor do que deverá ser reprimido pode tornar-se excessiva, em certa medida devido à força repressora do desejo inconsciente materno desempenhado pela criança. O excesso se apresenta como uma tentação constante, presente na psique materna, na verdade o limiar entre a violência “lícita” e “ilícita” é muito sutil. A mãe deseja que seja mantido o *status quo*, a não modificação do atual em relação à insipiente atividade de pensar da criança. Porém, a sombra falada, que insere a criança na ordem linguística humana, e o amor que, por sua vez, carrega a lei são na verdade uma “armadilha” para essa mãe, pois quanto mais ela quer poder e saber sobre o outro, mais irá transformar tudo em dizível enquanto espera uma resposta, o que confere à criança, progressivamente, autonomia simbólica.

Ela almeja que, com a capacidade intelectual, o filho confirme o sucesso de sua função materna, tanto que os momentos que precedem a atividade de pensar são interpretados como prova de seu reconhecimento, qualquer movimento ou balbuciar pode ser interpretado pela mãe como direcionado a ela. Isso se

confirma na intenção da mãe de que seu filho tenha um corpo saudável e que abrigue um intelecto satisfatório. Entretanto o pensar revela um perigo: ele é instrumento de autonomia, o pensamento implica mistério, surge a possibilidade de ocultar verdades e compreender verdades veladas pela mãe – a criança irá pensar sem que a mãe saiba do conteúdo desse pensamento, inclusive conteúdos que a mãe não gostaria que a criança pensasse, daí a tentativa da mãe de ensinar à criança a pensar “bem” ou um “bem pensar” (Aulagnier, 1979, p. 122). Assim, o excesso dessa violência pode levar da estruturação a desestruturação (reações psicóticas) caso se torne um abuso, um cerceamento que pode ser empregado pelo seu objetivo de manter a ordem pré-estabelecida.

A mãe corre o risco de abusar porque espera a confirmação da sua função materna, ao passo que teme ser confrontada pela primeira vez a um indeterminável. A mãe pensa da criança: “o que ela pensa na verdade?”. A passagem do lícito e necessário ao desejo de não-mudança pode levar a mãe a despojar a criança de todo seu direito autônomo de ser, interditando-lhe o direito a um pensar autônomo e, por conseguinte, uma constituição própria.

O desejo fundamental

A criança, portanto, ocupa um lugar paradoxal e perigoso: ela, ao mesmo tempo, é o objeto de desejo mais próximo do desejo inconsciente e é solicitada a barrar seu retorno. A sombra serve então à ilusão da satisfação do desejo do Eu e a satisfação do desejo inconsciente, ajustando o desejo aos desígnios do Eu, o que mantém o reprimido desconhecido.

Vemos que o desejo edípiano, na relação mãe-filho, ressurge numa outra configuração, agora invertida: a mãe

deseja que seu filho possa também tornar-se pai ou mãe - “Ter uma criança do pai” [projetado na criança torna-se] “que ela se torne pai ou mãe de uma criança” (Aulagnier, 1979, p. 114). Dessa forma, o desejo fundamental, o desejo de ter filho passa de uma geração à outra, e, durante a vida do sujeito, esse desejo assume um percurso que compõe o que Aulagnier chama de *conjugação e sintaxe do desejo*⁶. Esse dinamismo é observável no decurso da evolução psíquica: ser objeto do desejo da mãe – ter um filho da mãe – tomar o objeto do desejo da mãe – ser o objeto do desejo do pai – ter um filho do pai – dar um filho ao pai: desejar que seu próprio filho se torne pai ou mãe (que seja realizado por ele um mesmo “desejo de ter filho”). As três figuras se sucedem: criança, pai e mãe. E dois pares de verbo se intercalam: ser-tomar e ter-dar (Aulagnier, 1979).

Ao desejar que a criança tenha um filho, a mãe a separa da criança que ela desejou – provando, inicialmente a si própria, a não transgressão do incesto. Os pais figuram como objetos interditados e a criança como desejo mítico, que serve de parábola à interdição real. O mito é depositário da crença que desconhece a potência e o mistério do real, temido e infalível, mas indica, num salto, a forma resultante ingênua, porém representativa da realidade; de forma análoga a criança se apresenta como ícone que resguarda o sujeito da inacessibilidade ao objeto primário e incestuoso, mas se lhe figura como objeto de amor verdadeiro.

O conceito de sombra falada envolve uma dimensão nova na relação mãe/bebê, por considerar a formação de um Eu que se constitui historiador da própria biografia, já que induzido à experiência de apropriação de capítulos pré-existentes e de antecipações do futuro, forjados no imaginário materno. Neste invólucro da sombra falada, no encontro no

⁶ A complexidade desse tema sugere uma longa consideração sobre o assunto, o que desviaria o foco do presente artigo.

presente, juntam-se o passado e o futuro. Muito antes de seu nascimento, a criança já existe na fantasmática materna, em sua história libidinal inconsciente e em seus sonhos conscientes, como um personagem à espera de um ator (Carneiro, 2001, n.p.).

Considerações Finais

Vimos que a mãe por manifestação narcísica dirige à criança seu discurso de forma “violenta”, ao inocular uma repressão precocemente como enunciado, que obedece ao interdito da lei. São esses enunciados que compõem a imagem identificatória da sombra. Tal violência antecipatória está contida na *violência da interpretação* da mãe em relação às manifestações do vivenciado inominável do *infans*. Isso ilustra o que se entende por violência primária, que constitui o Eu da criança, mas que pode se tornar um excesso, o que configuraria a violência secundária. A ocorrência desta pode impedir a delimitação do Eu, a liberdade e autonomia do sujeito em constituição. Dessa forma o excesso da violência pode levar, desde a inibição intelectual à desestruturação do Eu – a psicose. Entretanto é fundamental enfatizar a necessidade de um Eu materno que se mostre auxiliar em relação à criança, o que Aulagnier chamou de *prótese* (Aulagnier, 1979, p. 108). A mãe

deve ser capaz de absorver e suportar todo material estranho que a criança manifesta, elaborá-lo e nomeá-lo para a criança, já de forma adequada às exigências da repressão. Neste contexto o foco é o desejo do Eu materno e a eficiência da repressão que ele carrega, através da *sombra falada*. Segundo Aulagnier (1979), o papel da mãe é o de inserir a criança na norma que a precede, para que a criança possua um protótipo do que deverá ser reprimido no futuro.

Por fim, destacamos a importância do estudo da trama que compreende o espaço de constituição do Eu, do desenvolvimento da criança a partir da relação mãe-filho, tema muito bem explicitado por Aulagnier. Enfatizamos a primazia deste assunto considerando que a criança que nasce, através da *sombra*, representa não apenas um apoio às defesas da mãe, mas, como vimos acima, especialmente um fundamento de uma relação carinhosa e amorosa entre a mãe e seu filho.

Com o intuito de elucidar essas ideias ressaltamos a originalidade e riqueza do pensamento de Piera Aulagnier, principalmente por sua dedicação ao tema da constituição do sujeito. É notável sua maneira de abordar a psicanálise freudiana, preservando os seus conceitos e dando-lhe contribuição com conceitos próprios e muito pertinentes. ■

Referências bibliográficas

- Aulagnier, P. (1979). O espaço no qual o eu pode constituir-se. Em: P. Aulagnier. *A violência da interpretação* (pp. 105-169). Rio de Janeiro: Imago.
- Carneiro, Maria P. F. (2001). Uma trajetória da linguagem: palavras por dizer. Em: *Cadernos de Psicanálise*, 17(20). Rio de Janeiro. Disponível em: http://www.spcrj.org.br/sumario_2001_anol7_n20_apres9.htm. Acesso em 27 ago. 2010.

Houaiss, A., Villar, M., & Franco, F.M. M. (2001). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.

Lebrun, J-P. (2004). *Um mundo sem limite: ensaio para uma clínica psicanalítica do social*. (Trad. R. Felgueiras). Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

Violante, M. L. V. (2001). *Piera Aulagnier: Uma contribuição contemporânea à obra de Freud*. São Paulo: Via Lettera.

Recebido em: 30/04/2009

Revisado em: 29/07/2010

Aceito em: 08/09/2010

Sobre o autor:

ⁱ **Thiago Márcio Silva e Faria** é graduando (10º período) do curso de psicologia da UFMG; bolsista de iniciação científica pela FAPEMIG. **E-mail:** thiagora@gmail.com



“Reitoria da UFMG”, por Natália Tavares.